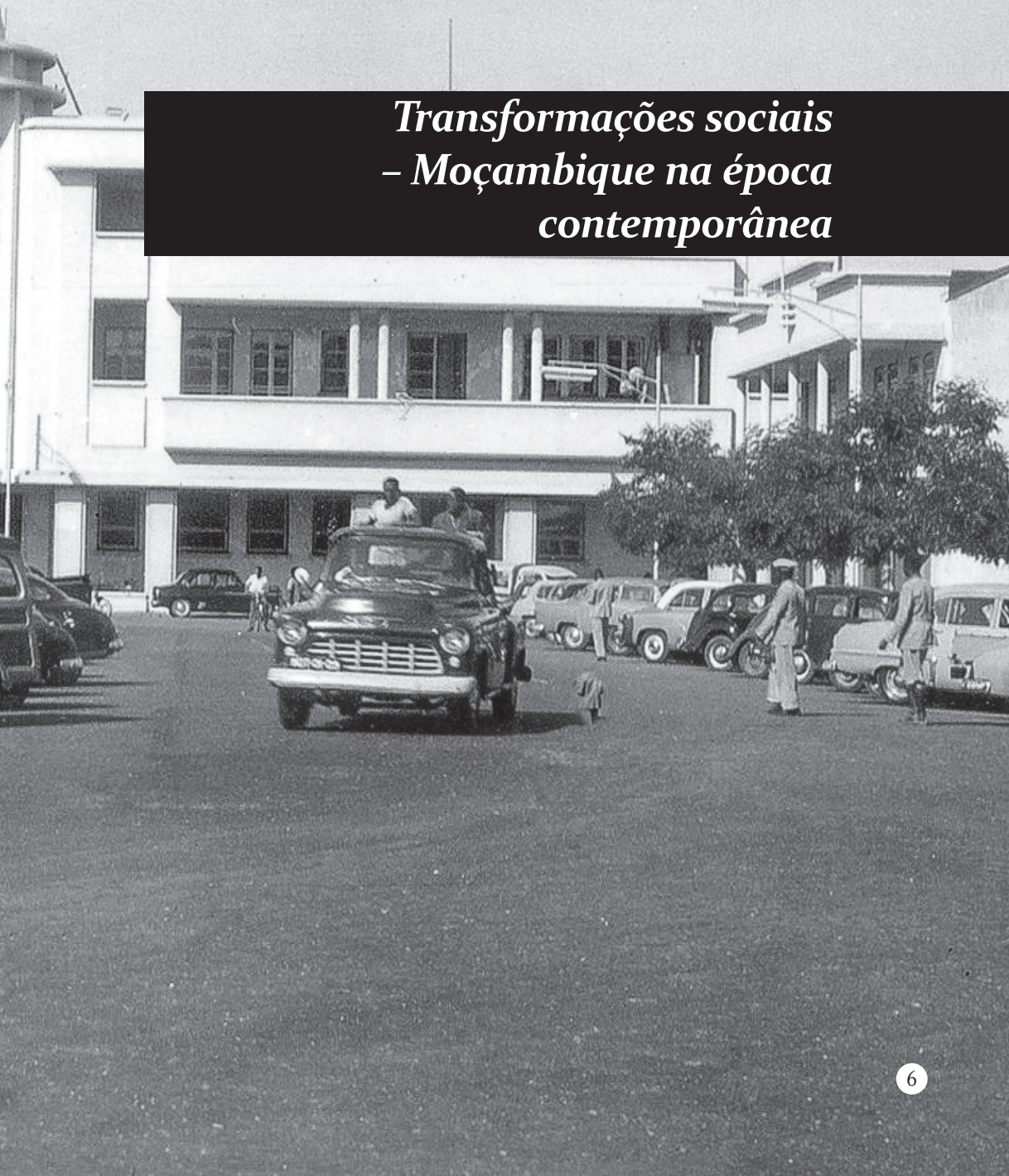




*Transformações sociais
– Moçambique na época
contemporânea*





Os *Khokholo* dos *Chopi* no contexto político dos finais do século XIX no sul de Moçambique

Mário José Chitaúte Cumbe

pp. 97-110

I. Introdução

A região sul de Moçambique, tal como as outras regiões do país, foi palco de diversas lutas entre os grupos que por ali aqui passaram contra aqueles que já estavam estabelecidos. Os invasores estavam à procura de espólios de guerra e submissão política para beneficiar do pagamento de tributo e terras para cultivo e pastorícia. Neste contexto, o estudo da história da resistência na atual província de Inhambane mostra que no último quartel do Século XIX havia três entidades políticas diferentes e independentes nesta região com relacionamento ora conflituoso ora de reconhecimento.

Esta pesquisa está inserida no contexto dos micro-estudos do meio ambiente e de regiões, e tem como objetivo fazer uma reflexão sobre a forma de organização do espaço que as chefaturas *chopi* tinham dentro do contexto de guerra em que se encontravam, assim como sobre as metamorfoses que o conceito de *khokholo* sofreu ao longo do tempo e as respectivas causas do seu desaparecimento. Os *khokholo*, povoações fortificadas com estacas e paliçadas semelhantes às aringas da Zambézia, estiveram implantados na atual província de Inhambane, distritos de Inharrime e Zavala, povoados sobretudo por populações da etnia *chopi*. O seu estudo tornou-se necessário pela tentativa de documentar a estrutura da organização sócio-política e económica das comunidades que viviam nestas fortificações, considerando que a literatura sobre o assunto desenvolve maior destaque às aringas da Zambézia, no centro, do que na região sul¹. O presente trabalho pretende ser uma revisão bibliográfica – no contexto das guerras territoriais de ocupação entre os povos locais e, em concomitância, da colonização europeia (portuguesa) em Moçambique – de estudos acerca das aringas efetuados no vale do Zambeze por, sobretudo, Allen e Barbara Issacman; José Capela; M. D. D. Newitt; M. L. Correia de Matos².

¹ Salvo o trabalho feito em Manjacaze pelo Dr. Liesegang e publicado numa separata do vol. I, em “A Survey of the 19 century Stockades of Southern Mozambique: The *khokholwene* of Manjacaze area”. In: Memoriam António Jorge Dias, 1974: 303-320.

² Cumbe, 2000: 16-23.

II. Origens da etnia *Chopi*

As primeiras referências às chefaturas que hoje fazem parte dos *chopi* datam da segunda metade do sec. XVI (1560-62), com relatos de cartas de padres jesuítas³, seguidas de relatos de naufragos⁴.

A sua localização espacial está nos distritos de Zavala e Inharrime, onde a maioria dos seus habitantes pertence à comunidade da etnia *chopi*⁵. Segundo vários autores que estudaram as suas origens, os *chopi* são o resultado de associação de grupos de várias origens. Um desses autores é Leonor Correia de Matos que afirma que os *chopi* são um conglomerado de tribos, ou segmentos de tribos, emigradas de pontos vários e ali estabelecidas e reunidas em datas distanciadas entre si apenas alguns anos ou vários séculos⁶. Em outra passagem refere que gostaria de acautelar, em primeiro lugar, os estudiosos de ciências humanas contra certas presunções comumente aceites, mas que certa pesquisa provará talvez serem erróneas, em particular a da unidade cultural do povo *chopi*. Em segundo lugar, procurou lançar as bases para uma definição das fronteiras político-sociais tradicionais.

Quanto à composição étnica dos *chopi*, conclui que não são, pois,

*os autores dos meados e fins do século passado quem irão ajudar de modo decisivo no puzzle que é a composição étnica da chopilândia. A literatura da época pouco mais pode oferecer a este trabalho do que a desanimadora certeza de que as tribos do sul de Moçambique foram irremediavelmente fragmentadas e desenraizadas do seu habitat tradicional, quando não também subjugadas e compelidas à aceitação de uma lei estrangeira*⁷.

Rita-Ferreira, na obra “Presença Luso-Asiática e Mutações Culturais no Sul de Moçambique, até c. 1900”, também trata das origens do povo *chopi* recorrendo à análise da bibliografia dos seus predecessores. As complexidades desta matéria levaram-na a afirmar que

*É tarefa ingrata e quase impossível esboçar satisfatoriamente os movimentos migratórios que se sucederam no sul de Moçambique durante os Séculos XVI, XVII, XVIII, período em que julgamos terem sido robustecidos os fatores que provocaram a diferenciação cultural e linguística entre *tsonga*, *chopi* e *bitongas**⁸.

Na sua análise das origens, conclui que, à semelhança da população designada por *Tsonga*, a população apodada de *chopi* pelos invasores do Séc. XIX foi formada por elementos de múltiplas origens étnicas, mas com predomínio original de *cocas* e, posteriormente, de *chona-caranga*⁹.

A diferença cultural entre os *tsonga* e os *chopi* é argumentada pela afirmação de que o fator que fez divergir a cultura *chopi* da cultura *tsonga* – apesar da base populacional ter origens semelhantes – foi a lenta adaptação de cada uma das partes a ambientes ecológicos marcadamente distintos onde predominavam, respetivamente, a floresta (*chopi*) e a savana (*tsonga*). Daí as diferenciações se verificarem, sobretudo, no domínio da cultura material¹⁰.

³ Em 1559 decidia a Companhia de Jesus levar a fé cristã a um reino de Inhambane, referido nas cartas de D. Gonçalo da Silveira, como reino de *Gamba*. Matos, 1973: 22.

⁴ É o caso do naufrágio da nau “São Tomé” em 1589, em que Diogo de Couto foi um dos sobreviventes. Matos, 1973: 22.

⁵ O termo data do século passado e foi aplicado pelos invasores *nguni* à população que se estende ao longo da costa entra a Vila de João Belo (Xai-Xai) e Inharrime e para o interior até Manjacaze. Matos, 1973: 4.

⁶ Matos, 1973: 3.

⁷ Matos, 1973: 43.

⁸ Rita-Ferreira, 1982: 185.

⁹ Esta ideia também é partilhada por Alan Smith que considera os *chopi* o resultado de uma fusão de uma população originária, os *tongas*, com outra que por volta do sec. XV se lhe sobrepôs, os *carangos*. Smith, citado em Matos, 1973: 33.

¹⁰ Matos, 1973: 190.

Outra referência às várias origens dos *chopi* pode ser encontrada em Liesegang, quando afirma que vários autores aceitam que as linhagens reinantes tiveram diferentes origens e houve restos de grupos de população que governavam antes dos invasores. Este é o grupo migrante que é referenciado nesta zona em 1560¹¹.

Assim, neste espaço temos que considerar duas linhagens principais: a *chopi* e a *tsonga*.

Os *chopi* do grupo *Gwambe-Mucumbi-Zavala*, segundo Liesegang, têm uma importância bastante grande na história e historiografia da região, pelas seguintes razões:

- 1.º) é um grupo comprovadamente bastante antigo nesta zona, tendo sido mencionado em 1560-61.
- 2.º) Segundo, seu nome, na forma de *Magwamba*, *Makwapa* ou *Makoapa*, foi depois utilizado por certos grupos *venda* e *sotho* da África do Sul para designar também ou especialmente os *tsonga* vivendo em contacto com estes ou vindo refugiados do vale do Limpopo. Esse termo serviu também para autoidentificação e sugere que durante um certo período *Gwamba* era uma chefatura ou grupo importante, um ponto de referência, que serviu para identificar grupos.

Essa suposição é reforçada pela circunstância que um outro termo, referente a este grupo, *Dongé*, já referido na forma de *Tongue* (ou *Otongue*, i.e. *Vutongé*) em 1561 como designação local, serviu depois de termo de identificação para todo o grupo que mais tarde se chamaria de *chopi*¹².

Estes estudos sobre os *chopi* concordam em alguns aspetos e divergem noutros o que é visível na outra obra de Liesegang (1990) que vem rebater as pretensões de Matos em localizar *Gumba* em outro local do proposto pelos seus predecessores.

III. O que são *Khokholo* e como se caracterizam

Os *khokholo*, fortalezas de paliçadas, foram encontrados no período pré-colonial em várias partes de África, nomeadamente Zaire, Angola, Guiné, Malawi, Uganda, Sudão e na costa do Quênia. Em Moçambique foram reportadas as *aringas* do vale de Zambeze e de certas áreas a sudoeste de Inhambane e outras a sul do Limpopo. Os nomes variam sendo que em *swahili* são chamados de “*boma*”, na área do Zambeze o termo *aringa* era corrente e no século XIX em Inhambane o termo “*muconja*” era usado para além do termo *khokholo* que nós preferimos usar¹³.

It is not postulated that all these stockades are signs of a diffusion of a certain cultural element. They may even have had different functions in different societies. Certain small scale societies employed them to protect themselves against sudden attacks. They were apparently also used by expanding polities or conquest states, as for example in Bárue under Manuel António de Sousa. The Ngoni states, including the Gaza Nguni, apparently did not use stockades as a means of defence, probably because their territory was so large that an attack to their main settlement area was not probable¹⁴.

Estas considerações de Liesegang mostram as várias funções que um *khokholo* podia ter. Uma das características físicas descritas por Lima é de serem aldeias circulares, cercadas por sebes de pau-a-pique e, dentro desta paliçada, dispunham-se as casas em círculo, viradas para o centro do terreiro, onde se via outra sebe circular de pau-a-pique, que servia de curral dos bois. Em frente das casas erguiam-se árvores frondosas que davam sombra e paz aos moradores.

¹¹ Liesegang, 1998: 19.

¹² Idem.

¹³ Liesegang, 1974: 303-4.

¹⁴ Idem: 304.

Uma delas, distinguia-se não só pelo lugar que ocupava na aldeia como também por ser ela uma espécie diferente das outras, que ninguém confundia com aquelas, desempenhava a função de altar da povoação -era aí que faziam oferendas e preces aos antepassados. À volta da paliçada ainda se encontravam pequenas construções que serviam de currais de cabras, celeiros, lugar de reunião dos homens, etc. Dentro da aldeia, cada um construía a sua palhota no lugar que lhe competia, segundo a tradição, de acordo com o grau de parentesco que ocupava na família extensa¹⁵.

Neste extrato temos informações sobre aspetos culturais, a religião local, assim como o espectro hierárquico que prevalecia nas funções dos *khokholo*.

De Lima cita O'Neil a dar aquilo que ele designa de uma descrição completa destas cercas defensivas:

Uma sebe circular de aproximadamente 60 ou 80 pés de espessura está densamente plantada de árvores e arbustos espinhosos. Todos os interstícios estão preenchidos tão cuidadosamente que é absolutamente impossível a um homem ou animal de qualquer tamanho aí penetrar. Em dois ou três pontos deixam abertos carreiros estreitos de acesso à aldeia, que são fortemente defendidos por portões de duplos e triplos. Eu fallo de portões, mas, na realidade, não existem fechaduras nem dobradiças. Constroem uma espécie de armação formada por dois fortes postes verticais, firmemente implantados no solo e reforçados por dois barrotes horizontais distantes um do outro cerca de cinco pés. Dois outros barrotes horizontais móveis encaixam-se num orifício e numa calha abertos nos postes verticais. Um certo número de paus verticais, com buracos abertos a fogo nas duas extremidades, são atravessados pelos barrotes horizontais de maneira a fechar o caixilho completamente, uma vez que as extremidades dos barrotes horizontais são encaixadas nos buracos e nas calhas dos postes verticais. Este conjunto é reforçado por vigas colocadas pelo lado de dentro¹⁶.

A primeira característica dos *khokholo* era a defesa. Nos finais do Séc. XIX (1885) Longle na sua viagem pelo sertão das atuais províncias de Gaza e Inhambane fez uma descrição dos *khokholo* que visitou. Uma destas descrições faz uma caracterização dos *khokholo* assim como das dificuldades de serem assaltadas, realçando a defesa. Analisa também a ausência de água no seu interior o que considera como um dos seus aspetos fracos. Na análise das características dos *khokholo*, podemos concluir que houve uma certa mudança de significado da sua denominação ao longo do tempo, devido a fatores endógenos e exógenos às comunidades que neles residiam, que se podem resumir em:

1. No séc. XIX, eram fortificações de defesa;
2. Início do séc. XX, povoação concentrada para fins sociais¹⁷;
3. Segunda década do século XX, povoação concentrada com fins religiosos (considerando as religiões não africanas¹⁸).

A preocupação sobre a defesa nestes *khokholo* é justificada pelo ambiente de lutas permanentes entre os povos desta região contra os povos de *Bilene* referência ao Imperador *Gungu-*

¹⁵ Lima, 1975: 18.

¹⁶ Lima, 1975: 22.

¹⁷ Sobre o desenho da povoação tonga Junod recomendou que "...conservemos tudo o que há de agradável, tudo o que tem valor moral no pitoresco círculo das palhotas: o respeito dos velhos, o sentido da unidade familiar, o hábito de mútuo auxílio, a disposição de partilhar a comida com outros (...), no círculo fechado não havia lugar para estranhos. o amor e o interesse estendiam-se só aos membros da família". Junod, 1974: 516, Tomo I.

¹⁸ Porque antes da introdução destas seitas, os africanos tinham as suas crenças e cultos. Junod constatou entre os tongas que "O culto dos antepassados parece uma religião extremamente antiga na humanidade. Descobriram-se nestes últimos anos sepulcros pré-históricos em que a posição do esqueleto e a presença de objetos no túmulo parecem provar que os ritos funerários das raças de então eram muito semelhantes aos que praticam os bantos de hoje". Junod, 1974: 409, Tomo II.

nhana e, mais tarde, contra as autoridades portuguesas¹⁹, representadas pelos caçadores²⁰. Segundo Matos, *Gungunhana* transferiu a sua corte, de novo, para Manjacaze tendo como primeiro objetivo “*esmagar o poderio e a resistência do reino de Cambana-Mondlane, então dirigido por Binguane, que havia fortificado parte da sua fronteira com uma linha de fortes paliçadas, os célebres cocolo (...)*”²¹.

Teixeira Botelho também descreve as razões de *Gungunhana* transferir a sua capital quando afirma que em 1888 *Gungunhana* deixou a região do norte denominada de *Mussapa* e desceu, acompanhado por alguns milhares de pessoas, para as terras de *Cambane*, governadas por um régulo *chopi*, de nome *Binguana*, que o hostilizará. (...) Na luta travada entre ambos, *Binguana* foi derrotado e não recebeu ajuda dos portugueses que diziam que ele traía, zombando da vassalagem que prestara²².

José D’Almeida salienta que até 1886 *Binguana*, apesar de se ter oferecido à vassalagem portuguesa, não obedecia nem a estes e muito menos aos *vátuas*, daí que teve de comunicar para as terras da Coroa para que se não aceitassem vassalagens de mais régulos, tendo também que desligar do seu juramento o *Binguana*. Este já tinha sido avassalado há tempos, mas foi desleal ao governo, auxiliando com mão armada uma rebelião nas terras da coroa, que teve de ser repelida pelas forças militares e castigando-o severamente²³. Conclui afirmando que “*Binguana, que habitava nas terras de Cambane, não cessava de ordenar correrias às terras vátuas do Chuáhibo e as do Bilene Mananga, confiando numa impunidade certa que lhe era garantida pelos poderosos cocolos, povoações fortemente paliçadas, em que sua gente vivia, no recesso das florestas mais densas*”²⁴.

As hostilidades entre os *nguni* e os *chopi* são ainda reportadas no Anuário de Lourenço Marques de 1927 que diz que

Gungunhana veio para Manjacaze em 1885²⁵ sendo um dos objetivos submeter à sua vontade de despota a tribo muchopes tal como havia feito às outras tribos de Gaza. Não o conseguiu, porém, porque a raça dos muchopes foi sempre orgulhosa e com vontade própria e tinha à sua frente um chefe digno, o régulo Espadanhana, causando-lhe, no entanto, enormíssimos estragos e perdas²⁶.

Longle também fala dos problemas de segurança para as populações das chefaturas mais fracas que se aliavam aos mais fortes. Nessa referência diz que as populações da região mais perto do Bilene (referindo-se aos *chopi*), sabem que só com os brancos é que podem gozar sossego e por isso mostravam-se muito satisfeitas por se acharem debaixo da bandeira portuguesa²⁷. Contudo, tal como vimos em algumas asserções acima, procuravam essa proteção apenas quando lhes convinha.

Segundo Diogo do Couto, entre o rio Limpopo e Inhambane existiam sete chefaturas dentre centralizadas e descentralizadas. Relata sobre o reino de *Cambana-Mondlane* mencionado os *khokholo*. Considera que neste reino se alcançou um elevado grau de centralização e

¹⁹ Uma das referências diz que “Os pretos andavam empregados na reconstrução das suas habitações que tinham sido queimadas. Já depois de *Makomane*, tinha visto um grande número de palhotas igualmente destruídas pelo fogo e abandonadas pelos seus habitantes. Contaram-me em *Mujango* que quando lá chegaram os caçadores assaltaram as casas matando cinco pretos e afugentando os demais”. Longle, 1886: 61.

²⁰ Segundo Longle, eles deviam comer à sua custa e que a maioria das armas era deles. O governo dava-lhes pólvora e munições de guerra. Longle, 1886: 61.

²¹ Matos, 1973: 202-204.

²² Botelho, 1936: 427.

²³ Relatório do governador de Inhambane, citado por D’Almeida, 1898: 135.

²⁴ D’Almeida, 1898: 208. Relatório do Governador de Inhambane, AHM, Maço 3 (1 a 13), Cxa 52, Fundo do Seculo XIX.

²⁵ Nota-se uma divergência nas datas da movimentação de *Gungunhana* na documentação.

²⁶ Muchopes, In: Anuário de Lourenço Marques, 1927: 33. Há diferença de datas de saída de *Gungunhana* de *Mussapa*, sendo 1888 para Botelho.

²⁷ Longle, 1886: 64.

planificação, revelado na construção de grandes povoações fortificadas, na conservação da espessura defensiva dos matagais virgens, no plantio de numerosas frutíferas, na demarcação dos campos de cultivo com renques de ananás²⁸.

Isaacman considera que os Estados Secundários para estabelecerem a sua hegemonia e preeminência, todos combinaram o uso de armas europeias e o desenvolvimento de um novo sistema de fortificações defensivas, para defender os seus territórios durante a segunda metade do séc. XIX²⁹. O armamento utilizado pelas populações locais era, em geral, a azagaia, a machadinha e a rodela. Os *macuas*, *maganjas* e os *chopi* usavam ainda o arco e a flecha. A moca é privativa dos *vátuas*. O uso da arma de fogo foi-se generalizando gradualmente, segundo o acesso aos circuitos comerciais com estrangeiros³⁰. Sobre a principal arma dos *chopi*, o arco e flecha, Botelho afirma que

Não diferiam essencialmente, pelos meados do séc. XVIII as armas usadas pelos negros das que empregavam nas guerras do séc.XVI. (...) era a principal arma dos negros o arco, de madeira muito resistente, chamada melarara, com as suas veringas, que são cordas feitas de couro de vaca de mato. Todos os cafres daqueles imensos sertões usavam dessa arma, que lhes servia para lançarem flechas contra o inimigo. A aljava, de pele de tigre, era uma espécie de bolsa, a que chamavam chimine e de que serviam como de patrona ou cartucheira para guardarem as flechas. Havia muita variedade destas armas, a saber, a dos guerreiros do Monomotapa, a dos munhais e dos nossos cafres, a dos colonos das terras sujeitas ao domínio da Coroa, a dos maraves e ainda outras, de que também se serviam os mesmos maraves, ervadas, quer dizer, untadas ao pé do ferro com uma massa venenosa, feita de certa planta e de que eles conheciam o antídoto³¹.

Quanto ao conceito de guerra, Caldas Xavier afirma que uma guerra dos indígenas consiste em incendiar povoações, animais, culturas, apreender gado, matar uma parte da população, e fazer emigrar a restante, por não encontrar no local os recursos necessários à vida. Estas guerras não eram seguidas de ocupação do território arrasado, por isso a sua influência era temporária³². Longle também faz referência a estes factos quando relata o que aconteceu aos *Macuácuá*. Segundo ele os *macuácuas* pertenciam ao *Muzila* com quem as autoridades da coroa portuguesa tinham acordo, mas os caçadores ao serviço da coroa invadiram-no e venceram, não pelas armas, mas pela fome, dando cabo de todos os mantimentos, gados e campos de culturas que encontravam e arruinando povoações inteiras. Os mortos e feridos foram tão poucos que se podiam contar facilmente³³. A forma de guerra dos portugueses não era muito diferente pois Botelho afirma que as guerras contra os indígenas eram simples correrias, em regra feitas por um diminuto número de soldados regulares, acompanhados de auxiliares sem disciplina³⁴. Portanto, todos os grupos estabelecidos nesta região tinham quase o mesmo procedimento³⁵ com a principal diferença a residir no tipo e qualidade de armas que os portugueses tinham.

Outra dimensão defensiva dos *khokholo* encontra-se nas habitações construídas no meio das lagoas³⁶, que serviam nas circunstâncias de insegurança para albergar as mulheres,

²⁸ Matos, 1973: 23.

²⁹ Isaacman, 1979: 62.

³⁰ Botelho, 1936: 172-73.

³¹ Botelho, 1936: 497-98.

³² Xavier, 1881: 493. De acordo com Wolfe (2006) dentro do contexto do colonialismo vai se registar uma alteração. Aqui, a primeira razão para o ataque a um grupo será o acesso e ocupação do seu território. Wolfe, 2006: 388.

³³ Longle, 1886: 60.

³⁴ Botelho, 1936: 435.

³⁵ Na obra de Harrison fala da adoção do costume de coleção de crânios humanos como troféus pelos soldados ingleses na África do Sul. Harrison, 2008: 286.

³⁶ Cabral refere que "... ainda hoje existem vestígios das paliçadas e fossos que os povos avassalados do *Binguana* e depois de seu filho *Espadanhana* construíram para resistirem aos *Vátuas*. Refugiavam-se também no centro das lagoas, onde construíam palhotas em cima de estacas, por ser expressamente defeso aos *Vátuas* entrarem dentro de água". Cabral,

crianças e os impossibilitados em pegar em armas. Na lagoa de *Nhambavale* (Distrito de Chidenguele na atual província de Gaza) assim como em Zandamela, existem algumas estacas no meio da lagoa que são restos de antigas povoações lacustres³⁷.

A segunda característica dos *khokholo* foi a social. Este tipo inicia-se depois do fim das campanhas de pacificação e a derrota dos *nguni* com a prisão e deportação de *Gungunhana* em 1895. Nesta função social o *khokholo* torna-se um espaço físico onde se constroem residências de um determinado grupo clânico com a sua hierarquia própria, para perpetuar o seu grupo. O seu cercado, se o tiver, marca as fronteiras em relação aos outros grupos e protege a aldeia dos animais selvagens e para que os domésticos não saiam. As suas relações com os outros *khokholo* são de familiaridade pois pertencem ao mesmo grupo linhageiro ou clânico. Portanto, eram construídos para fins de residência de uma determinada família ou linhagem, ou podiam ser do regulado que detinha o poder político. De acordo com um informante,

Khokholo é fundado por um determinado sujeito que, assim que se decide a constituir o seu lar em separado, por várias razões, leva a sua mulher e os filhos podendo convidar também os seus irmãos que levarão também as suas mulheres e filhos. Os filhos resultantes destes casais poderão casar-se e continuarem a habitar o mesmo espaço, aparecendo os netos que farão o mesmo com o passar do tempo, perpetuando e alargando o khokholo desta família. Formam um grupo de casas que ocupam o mesmo espaço, o que pode considerar-se agora como uma aldeia. Podia ser constituído por 10, 20 ou mais casas consoante o número dos agregados familiares existentes nessas famílias. Neste khokholo só habitavam pessoas da mesma família³⁸.

A terceira e última característica vai ser o *khokholo* religioso. Esta função religiosa apareceu com a entrada das igrejas das missões protestantes por volta de 1910-15. Estes *khokholo* eram habitados pelos convertidos à fé cristã que construíam as suas casas na mesma zona, constituindo assim aldeias grandes³⁹. O objetivo era de permitir que o convívio dos convertidos não tivesse interferência dos não convertidos e facilitar o processo de evangelização. Na área da região da atual província de Inhambane foram mencionadas as seguintes Missões Evangélicas Protestantes: Igreja Metodista Episcopal, 26; Missão Metodista Livre Americana, 22; Episcopal Igreja Luso-Africana de Moçambique, 16; The American Board Mission, 17; Missão Inglesa de Massiene, 11; Missão Suíça de Mahusse, 2; Missão Evangelista Civilizadora de Moçambique, 1; Missão Igreja Nazareno, 1. Total foram 97 missões nesta região⁴⁰.

IV. Conflitos pelo domínio político da região sul

Durante todo o Séc. XIX, a história da tribo tonga é principalmente a da invasão e das imigrações dos conquistadores zulus, que tendo-se separado de Tchaka reduziram à escravidão, em seu proveito próprio, os pobres Ama-Tonga da costa, como Mussilicátsi fez aos Ama-Chona. Estes Angónis, dirigidos por Manicusse, encontraram todos os clãs tongas vivendo à antiga maneira banta, cada um por si, sem nenhuma unidade. Assim, submeteram-nos facilmente e procuraram impor-lhes o sistema de domínio militar criado por Dinguissuaio e Tchaca. O Manicusse reinou tranquilamente durante mais de vinte anos no vale do Limpopo até Mussapa (território dos Ndjaus, ao norte do Save)⁴¹.

1910: 32. Rita-Ferreira fala de “edificação de povoações lacustres contra os guerreiros do Império de Gaza, que sabiam manietados pelo tabu que os proibia de combater em meio aquático”. Rita-Ferreira, 1982: 195.

³⁷ Cumbe, 2000: 56.

³⁸ Cumbe, 2000: 55.

³⁹ Contrariamente aos *machanganas* que só se encontravam aos domingos para a reza, nesta região as pessoas fixavam residências próximas, constituindo umas autênticas aldeias. Cumbe, 2000: 41.

⁴⁰ Zavala, In: A. de L.M., 1927: 491.

⁴¹ Junod, 1974: 38.

Esta asserção de Junod mostra as movimentações militaristas que caracterizam o Séc. XIX na África Austral dentro do contexto geral do *Mfecane*.⁴² Longle também confirma a violência que se vivia no sertão da actual Província de Inhambane, afectando e justificando a construção dos *khokholo* pelos *chopi*, quando diz que

... neste dia um grande número de pretos veio pedir para me acompanhar. É que os habitantes desse país não se atrevem a ir sós para o sul da Província. As frequentes guerras que têm havido com os gentios do Bilene⁴³, causam-lhes medo e de facto consta que só na companhia de brancos ou molungos é que podem viajar descansadamente⁴⁴.

Além destas escaramuças militares entre os *nguni* e as tribos locais, existiam também atritos com as autoridades portuguesas que procuravam estender os seus domínios para além dos territórios da Coroa estabelecidos em Inhambane. Ao longo da sua viagem, Longle relata ter encontrado um destacamento de cerca de setecentos homens armados, vindos de Inhambane onde estava confinada a autoridade portuguesa, sob o comando do ajudante das terras, um mouro, Daud Ismael Tajú. Segundo este autor,

... eram pretos de diferentes régulos que se denominavam de caçadores pelo facto de serem empregados pelo governo. Quinhentos destes homens estavam armados de espingardas, que na maior parte lhes pertenciam, e o resto com rodelas e azagaias (...) parte da força dos setecentos, em lugar de seguir o seu caminho espalhou-se pelo mato cercando a povoação tratou de a saquear. Este facto dá-se constantemente apesar de se acharem em serviço do governo, em terras da Coroa perfeitamente sossegadas, roubam, estragam tudo sem que os habitantes se atrevam a resistir ou a queixar-se com medo das armas de que fazem frequente uso⁴⁵.

Estes relatos de lutas envolvendo portugueses, *nguni* e as tribos locais, mostra a violência pela tentativa de controlo da área e a busca de espólios de guerra que teve como resposta a construção de *khokholo* para a defesa. Longle faz algumas descrições dos *khokholo* que ele visitou que as caracterizou de serem pequenas vilas que se compõem de umas centenas de palhotas colocadas sem ordem. À volta existe uma estacaria de troncos de árvores. Este era o *khokholo* do filho do régulo Guambe. (...). Refere ainda ter passado pouco depois do *khokholo* de *Binguane*, e de *Canhavane*. Conclui que todas estas aringas eram muito fortes, mas sem ordem no interior. Eram defendidas por estacaria e a sua situação no meio das matas cerradas as tornava mais fortes ainda. Também faz referência aos povos do Bilene, os *nguni* de terem tentado assaltar uma destas aringas. Mas que basta vê-las para perceber as dificuldades de se apoderarem delas pela força. Em primeiro lugar pela sua localização no meio de matas espessas e difíceis. Em segundo lugar pela sua estrutura de estacas. Em outra parte do texto descreve o *khokholo* como sendo uma defesa formada por

troncos de árvores altas e grossas do lado exterior e reforçada no interior por outros troncos de árvores, postos horizontalmente até uma altura que não será inferior a 2,5 metros. As estacas exteriores são muito altas e não deixam lugar se não para, de distância em distância se passar o cano de uma espingarda. Do lado sul, está toda furada pelas balas. Os cadáveres do inimigo estavam espalhados pelo mato, porque só enteram os seus e deixavam às aves e outros animais o cuidado de fazerem desaparecer os outros. Já tinha reparado que em nenhuma destas aringas se encontra água. É preciso ir procurá-la a distância que às vezes não é inferior a uma hora de marcha. É a parte fraca dessas fortalezas africanas. Não posso explicar este facto, se não pela natureza

⁴² *Mfecane*, denomina o período de caos e dispersão de vários grupos políticos na África Austral a partir da África do Sul, nos finais do Século XIX.

⁴³ Nesta altura Bilene estava sob o domínio dos *nguni*.

⁴⁴ Longle, 1886: 60.

⁴⁵ Longle, 1886: 61.

*pantanosos do país que obriga os pretos a escolher para se estabelecerem os terrenos mais altos e que melhor se prestam à cultura*⁴⁶.

Esta é a caracterização que se nos é fornecida, por quem visitou e viveu alguns momentos nestes *khokholo*. Estas citações longas, mas necessárias, mostram os conflitos que caracterizaram este período dos finais do século XIX e início do século XX na região sul de Moçambique.

Em 1880, segundo Caldas Xavier⁴⁷ deu-se a derrota e ocupação de Zavala pelos portugueses como resultado da terceira expedição e das correrias e ataques dos (vátuas) *nguni*. Em 1895 deu-se a derrota dos *nguni* e a prisão de *Gungunhana*. Em 1897, o governador de Gaza Sr. Major Gomes da Costa criou o Comando militar dos M'Chopes e no decreto Orçamental de 1907 foi extinto, passando uma parte do território que o constituía a denominar-se 1.ª Circunscrição das terras de Gaza⁴⁸. Assim terminavam os conflitos militares com a implantação do domínio português na região.

V. Fatores que levaram ao desaparecimento dos *Khokholo*

No séc. XIX a estrutura das chefaturas *chopi* tinham sofrido profundas alterações quanto à sua cultura e etnicidade devido, por um lado, à diminuição ou secessão das movimentações militares e, por outro, à entrada para uma vida *monetarizada*⁴⁹ e a miscigenação entre as populações locais e as invasoras, além da entrada de uma nova realidade espiritual, as igrejas protestantes. Dentre todos estes fatores os mais preponderantes foram a circulação crescente do dinheiro, para pagamento de imposto e necessidades pessoais, que levou muitos jovens a emigrarem para as cidades e para as minas da África do Sul. Este facto foi constatado nos finais do século passado por Longle quando repara a influência da emigração para os campos de ouro e diamantes pela posse de casacas vermelhas características do exército inglês. Segundo ele, estas casacas faziam parte da bagagem do emigrante quando voltasse ao seu país natal. Destaca ainda a quantidade de indígenas falando algumas palavras inglesas ou a dizer quasi mais do que portuguesas⁵⁰.

As igrejas protestantes que se implantaram e espalharam nas primeiras décadas do século XX nesta região passaram a influenciar até nos aspetos culturais, tal é o caso do *lobolo* que deixou de ser tratado pelos pais e familiares para ser dirigido pelos chefes das igrejas, os evangelistas e os pastores, alterando até as formas de enterro dos mortos⁵¹.

Nesta análise vamos considerar como fatores internos as dinâmicas da comunidade ditadas pelos contactos com populações de outras regiões através das emigrações e invasões; pelo possível aumento ou diminuição demográfica; pela pressão do solo para a agricultura; pelas doenças e mortes originadas pela feitiçaria, assim como pelo adultério. Consideramos como fatores externos a introdução da cobrança do imposto em dinheiro; as monoculturas do algodão e o xibalo.

Em relação à saúde, as doenças propagavam-se com muita rapidez nos *khokholo* levando à morte muita gente. Este facto semeou a desconfiança e acusações de feitiçaria entre os

⁴⁶ Longle, 1886: 62-64.

⁴⁷ Xavier, 1881: 500.

⁴⁸ Ferrão, 1909: 252.

⁴⁹ Junod, no seu estudo sobre a sociedade tonga, também constatou que o aparecimento do dinheiro na sociedade banta teve efeitos inesperados, destacando a alteração que se verificou no *lobolo*. Junod, 1974: 267; Em Mavila também se notaram estas alterações quando se observou o facto de as pessoas, sobretudo os pais terem chegado a uma fase em que levavam as suas filhas para “penhorar” a quem tivesse dinheiro como forma de conseguirem um empréstimo para pagar o imposto. Cumbe, 2000: 71.

⁵⁰ Longle, 1886: 60.

⁵¹ Cumbe, 2000: 68.

habitantes o que levava a vários atritos que desaguavam nas cerimónias do *mondzo*⁵². O Anuário de Lourenço Marques, em relação a Inharrime, refere que a população, apesar de não ter o hábito de registo de nascimentos e de óbitos, no ano de 1919 diminuiu consideravelmente, em virtude de epidemias de difícil ataque, que fizeram muitas baixas, como pneumónica e varíola. Apesar das providências das autoridades locais, o modo de vida indígena muito contribuiu para um obituário importante⁵³.

Nos *khokholo* das igrejas um dos motivos apontados para o seu desaparecimento foi o adultério. Como viviam todos no mesmo local foi fácil propagar-se a desconfiança que levou muitos a desistirem de ficarem todos no mesmo sítio, preferindo encontrarem-se apenas nas horas de culto, mas cada um com a sua residência em separado⁵⁴.

O *xibalo* (trabalho forçado) e o imposto de palhota (*mussoco*) foram também outros motivos a considerar. Quando os portugueses chegassem a um *khokholo* eles contavam o número de contribuintes em função do número de casas construídas. Em cada uma distribuíam uma semente de milho. Acontece que um único chefe de casa podia ter mais de cinco palhotas distribuídas pela(s) mulher(es) e pelos filhos o que elevava demasiadamente os custos para o pagamento do imposto. Assim, muitos preferiram afastarem-se do *khokholo*, para fugirem ao controlo das autoridades administrativas.

Em relação ao *xibalo*, reporta-se que em 1937 houve um administrador alcunhado de *incuchuane* (significa tosse em *chopi*) que introduziu, por falta de jovens, até o recrutamento de velhos para os trabalhos forçados. Ele usava um sistema de requisição onde o chefe de terras que não conseguisse reunir o número desejado ficava com um défice negativo que devia compensar no recrutamento seguinte. Ora, como os jovens conseguiam fugir para as cidades ou para a África do Sul, como forma de compensação exigia que se incluíssem os velhos. Apesar disto, era quase impossível compensar. A pressão era tal que levou os chefes a enviarem para o *xibalo* até os seus parentes próximos e filhos, o que contribuiu para a desconfiança e dispersão das pessoas dos *khokholo*⁵⁵.

Estas são as razões para o desaparecimento dos *khokholo* e o período cronológico são as primeiras décadas do século XX.

Considerando a divisão em três tipos de *khokholo* que analisamos, podemos concluir que o primeiro tipo de *khokholo* que desapareceu foi aquele que tinha as funções de defesa, a seguir foi o *khokholo* com funções sociais e só depois o *khokholo* religioso liderado pelas igrejas protestantes. A sustentação da nossa conclusão pode ser dada pela cronologia dos factos que permitiram a criação destas “fortalezas africanas” parafraseando Longle em que foi necessário procurar formas de se defenderem das várias movimentações militares que já descrevemos, a seguir as fortalezas transformam-se em aldeias com a estabilização política caracterizada pela ocupação efetiva e, por último, em comunidades religiosas. Nestes *khokholo* das missões protestantes não era permitido o recrutamento para o *xibalo* assim como a cobrança de impostos de vassalagem aos mineiros recém-chegados. O régulo não tinha autoridade suficiente para entrar nesses domínios religiosos. Era um acordo existente entre as autoridades coloniais e estes⁵⁶.

⁵² Processo destinado a descobrir o culpado de feitiçaria realizado por curandeiros. Em *manguenguene*, localidade perto de Mavila e a caminho de Nhacutó, visitámos uma família que se diz ser a detentora do segredo para a realização deste *Mondzo*. Tudo indica que, pelo valor económico que isto acarretava, era mantido em segredo. Cumbe, 2000: 71.

⁵³ Clima e Salubridade, In: A. de L. M., 1927: 456-57. Fuller considera o incremento das migrações como a razão do aparecimento de muitas doenças (lepra, elefantíase, disenteria, varíola, febre tifoide, malária, doenças venéreas) como causas para a diminuição da população nessa época. Fuller, 1955: 76.

⁵⁴ Cumbe, 2000: 72.

⁵⁵ Cumbe, 2000: 55.

⁵⁶ Cumbe, 2000: 72.

VI. Identidade cultural dos *Chopi*

Uma das características culturais dos *chopi* de Zavala e Inharrime é o fabrico e uso das *Timbilas* e a dança *ngalanga*. A diferença entre estas reside no facto de *ngalanga* incluir vários tipos de *tingomas* (ngoma singular) para além das *timbilas*, enquanto as *timbilas* são uma orquestra quase exclusivamente constituída por estes instrumentos (*mbila* singular). Neste momento, predomina mais *timbilas* em Zavala e *ngalanga* em Inharrime. Nestas *timbilas* existem pequenas diferenças nas afinações que variam de zona para zona, tal como o sotaque da língua falada. Por exemplo, em Zavala o teclado é tocado de fora para o centro enquanto em Inharrime é do centro para fora⁵⁷.

Um dos elementos de identificação é a língua *chopi*⁵⁸. Contudo, esta língua possui várias variantes regionais no sotaque (pronúncia) que permitem identificar a origem geográfica dessa variante. Considera-se Mavila como o centro da língua *chopi*.

Segundo Liesegang a etnogénese da etnia *chopi* inicialmente designada de *mindongue* ou *valengues* provem de *Tonguene* que passou para *tongue*⁵⁹ tornando-se uma designação regional usada no início do século XIX em Inhambane. Foi por volta de 1870 que passaram a ter a designação de *chopi*⁶⁰.

O *chopi* foi redefinido por Rita Ferreira e outros investigadores portugueses da época para ser uma categoria linguística, excluindo largamente os *cambane* que passaram a falar *changaná*⁶¹, por influência do domínio de *Sochangane* que tinha a zona de Manjacaze, na atual província de Gaza sob seu domínio. A designação *chopi* teve variações no sentido do termo desde uma identificação histórica, depois regional e mais tarde, com a vinda dos *nguni*, aparece um novo critério baseado no armamento.

Outro elemento de identificação era o uso de sinais (mutilação) na cara e no corpo para efeitos ornamentais ou distinção clânica. A este respeito Longle observou que os *chopi*,

... usam sinais na cara, que os tornam tão feios. Mas parece que a moda vai diminuindo porque já tenho notado que só os velhos é que usam a cara toda marcada. Reparei que se arrancam igualmente as pestanas, o que dá ao olhar uma expressão que não posso definir⁶².

No século XIX a etnia *chopi* emerge reconhecida com o uso de arco e flecha e a residir em povoações defendidas por estacas ou paliçadas (*khokholo*) e na atualidade é reconhecida pelo uso das *timbilas*⁶³.

⁵⁷ Cumbe, 2000: 80.

⁵⁸ Matos cita H. P. Junod a considerar como umas das características que distinguem os *chopi*: tatuagens e escafições elaboradas, orquestras aperfeiçoadas de xilofones, uso de casca de árvore como vestuário, formosos gomis de madeira, cerimónias de iniciação típicas e, acima de tudo uma língua genuinamente sua e distinta das restantes. Acrescenta ainda que os *chopi* são os mestres da *timbila*, apesar de outros grupos, como os *tongas* também o terem adotado. Matos, 1973: 22.

⁵⁹ *Utongue, tonga, tongué, tonguene, mindongue, vandongue* designação locativa que indica a Leste que desapareceu com o tempo. Comunicação pessoal de Liesegang. 29/Setembro 2017.

⁶⁰ De referir que o uso de arco e flecha não era exclusivo aos *chopi* pois os *cambana* ou *watava* também utilizavam estes instrumentos. Comunicação pessoal de Liesegang. 29/Setembro 2017.

⁶¹ Designação linguística dada aos súbditos de *Sochangane* que nessa altura por volta de 1830 incluía os *ndaus* localizados no norte do Rio Save em Quissanga e os chamados *mabuindlelas*, designação dada as pessoa a Sul do mesmo rio. Os súbditos de *Sochangane* também furavam orelhas como uma forma de identidade. Comunicação pessoal de Liesegang 29/Setembro 2017.

⁶² Longle, 1886: 62. A minha falecida avó, tinha tatuagem na cara e no ventre e costumava tirar as pestanas. Dos lagartos é costume aqui em Maputo ouvir-se que os *chopi* comem cobra. Rita-Ferreira também fala do uso do arco, confencionamento de cordame e panos de córtice, mutilação para efeitos ornamental ou distinção clânica. Rita-Ferreira, 1982: 186. A forma estranha de ver os hábitos culturais dos outros também está na obra de Nicholas (1997) quando descreve a sociedade na Índia.

⁶³ Cumbe, 2000: 50. Esta situação também pode ser entendida no âmbito do conceito de invenção das tradições de Hobsbawm e Ranger (2008).

Rita-Ferreira considera que a especificidade cultural dos *chopi* foi reconhecida não só pelos europeus (portugueses, holandeses, britânicos e austríacos) como também pelos africanos das diversas etnias com quem entraram em contacto, nomeadamente *tsongas*, *bitongas* e *nguni*⁶⁴. Segundo este autor as opiniões de hostilidade e estranheza em relação aos *chopi* leva a definir a existência de um fenómeno de desconfiança e até de discriminação coletiva contra uma etnia estranha e diferente semelhante ao que vitimou, durante séculos, na própria Europa, certas minorias como a dos judeus e a dos ciganos⁶⁵. Ramiro Lopes de Sequeira, na sua monografia etnográfica diz que

*Os bachopes, segundo vários autores aparecem, ainda hoje, como uma tribo distinta, em virtude de nunca se ter deixado absorver nem pelos tongas, nem pelos zulus. Os mais numerosos e mais puros agrupamentos desta tribo encontram-se nas circunstâncias de Zavala e Muchopes. (...) A sua tatuagem, o costume ainda existente entre eles de limar os dentes incisivos, o uso do arco e da flecha são outras das suas características*⁶⁶.

Outro autor que se refere aos *chopi* é Lima quando afirma que observou que os *Valengue* possuem uma tatuagem étnica que permite distinguir imediatamente as mulheres das suas vizinhas changanas. Têm uma linha de incisões que se estende do canto de cada olho até às orelhas e as idosas apresentam duas linhas que correm da comissura esquerda da boca até ao lobo da orelha⁶⁷.

VII. Conclusão

A natureza dos *khokholo* é de terem sido construídos de material vegetal extraído das florestas que é perecível a curto espaço de tempo. Este facto dificulta a sua localização e visualização nos tempos recentes contrariamente às fortificações feitas de pedras. A este facto, alia-se a existência de outras construções e machambas; a recolha das estacas restantes para a lenha assim como a recolha dos restos de objetos de barro para a construção de casas e poços, reduziram drasticamente as possibilidades de preservação destes lugares históricos. Os poucos lugares que ainda estão conservados é onde realizavam as cerimónias de adoração dos espíritos (*mipachos*). Também é difícil encontrar as sepulturas dos chefes, pela tendência cultural que predominava de escondê-las dos outros membros da comunidade e/ou depositarem-nos nas lagoas. Assim, a sua existência prevalece na memória da história oral destas comunidades.

A vida de muitas destas aldeias era relativamente curta porque com o decorrer dos anos iam mudando de lugar, umas vezes para muito longe, outras para perto. Durante a vida de um chefe a aldeia podia mudar uma, duas e três vezes, conforme as regiões. Por esta razão existem muitas dificuldades para uma possível quantificação dos *khokholo*, por um lado pelas constantes mudanças de localização geográfica e, por outro, pelas possíveis mudanças de nome do mesmo *khokholo* consoante a mudança dos chefes.

Os eixos do xadrez político desta época, que giravam em volta dos *nguni* primeiro com *Manicusse* e depois com seu neto Gungunhana, os *chopi* com *Binguana* primeiro e depois o seu filho *Espanandhana* e os portugueses, permitem-nos concluir que a ocupação colonial

⁶⁴ Diogo de Couto, no naufrágio de 1589, aludia aos cafres chamados *mocrangas*, grandes ladrões; Vaz de Almada, em 1622 foi avisado pelos monarcas de Inhaca, Manhiça e Inhampurra que os *mocrangas* eram gente de má índole, useira em práticas de rapina; O comandante da feitoria Holandesa em 1730 escreveu que, segundo lhe parecia os *okalange* mais próximos do mar eram considerados como nação desprezível; Junod narra que os *rongas* se consideram muito superiores aos *chopi*; Cabral refere os *batongas* e *landins* a tratarem com desprezo o *Muchope*. Cumbe, 2000: 83.

⁶⁵ Rita-Ferreira, 1982: 189-90; Wolfe, 2006: 387.

⁶⁶ Sequeira, 1956: 1.

⁶⁷ De Lima, 1975: 144.

no sul de Moçambique apenas tornou-se efetiva após a prisão e deportação de Gungunhana no final do século XIX. Políticos usam a retórica de o sistema colonial em Moçambique ter durado cinco séculos, mas os factos documentados e expostos nesta revisão bibliográfica sobre a zona sul indicam outra duração. Entretanto este *imperador nguni* também pode ser considerado invasor pelos *chopi* que foram compelidos a construir *khokholo* para lhe resistir. Estes foram os últimos focos de resistência a um colonialismo que, para os *chopi*, se pode considerar duplo: dos *nguni* e dos portugueses.

Referências bibliográficas

Fontes primárias

- Cardoso, A. M. (1887), Expedição às terras de Muzilla em 1882, Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, Vol. VII, pp. 153-190, (relatório datado de 18 de Abril de 1883, Início e fim da Missão em Inhambane).
- D'Almeida (1898) In: Relatório do Governador de Inhambane, AHM, Maço 3 (1 a 13), Cxa 52, Fundo do Seculo XIX.
- Erskine, St. Vicent W. (1875), Journey to Umzila's in 1871-72, Journal of Royal Geography Society, Vol. 45: 45-128.
- Ferrão, F. (1909), Circunscrições de Lourenço Marques: Respostas aos quesitos feitos pelo Secretario dos Negócios Indígenas, Lourenço Marques.
- Henriques, C. Correa (1916), Districto de Inhambane, Relatório do Governador 1913-15, Lourenço Marques.
- Montanha, Alberto Furtado (1939), Rellatório duma inspecção às circunscrições dos distritos de Inhambane, 1938 (40pp., datado de L. M., 23 de fevereiro de 1939), A. H. M., inspeções, cx. 30. (s/a). Muchopes (1927), *Anuário de Lourenço Marques*, Inhambane, Lourenço Marques: Casa Bayley. 1908, 1927, 1940.
- Sequeira, Ramiro Lopes de (1956), Monografia etnográfica dos indígenas da circunscrição de Inharrime. Mossuril (dactilografado).

Fontes secundárias

- Botelho, José J. (1936), *Teixeira. História militar e política dos portugueses em Moçambique. De 1833 aos nossos dias*, Lisboa: Centro Tip. Colonial, 2.ª ed.
- Cabral, A. (1910), *Raças usos e costumes dos indígenas do distrito de Inhambane*. Lourenço Marques: Imprensa Nacional.
- Cumbe, Mário (2000), *Os khokholo e a estrutura da etnia chope no século XIX: o problema da definição da cultura de uma população*. Maputo: UEM/FLCS- Departamento de História, Dissertação de Licenciatura.
- Dirks, Nicholas B. (1997), The Policing of Tradition: Colonialism and Anthropology in Southern India, *Comparative Studies in Society and History*, Vol. 39, n.º 1, pp. 182-212.
- Fuller, Charles Edward (1955), *Na ethnohistoric study of continuity and change in Gwambe culture*, Northwestern University (University Microfilms), PhD Dissertation.
- Harrison, Simon J. (2008), *Skulls and Scientific Collecting in the Victorian Military: Keeping the Enemy Dead in British Frontier Warfare*, School of Psychology, University of Ulster.
- Hobsbawm, Eric; Ranger, Terence (org.) (2008), *A invenção das tradições*, São Paulo: Paz e Terra (ed.), Cavalcante, C. C. (trad.), 6.ª ed.

- Isaacman, A. F. (1979), *A tradição de resistência em Moçambique. O vale do Zambeze, 1850-1921*, Porto: Edições Afrontamento.
- Junod, H. A. (1974), *Usos e costumes dos bantos: a vida de uma tribo do sul de África*, Tomo I, vida social, 2.ª ed., Lourenço Marques: Imprensa Nacional de Moçambique.
- (1974), *Usos e costumes dos bantos: a vida de uma tribo do sul de África*, Tomo II, vida mental, 2.ª ed., Lourenço Marques: Imprensa Nacional de Moçambique.
- (1927), *Some notes in the tshopi origins*, Bantu studies III, pp. 57-71.
- Liesegang, Gerhard (1974), A Survey of the 19 century Stockades of Southern Mozambique: The khokholwene of Manjacaze área, *Memoriam António Jorge Dias*, vol. n.º 1, pp. 303-320.
- Liesegang, Gerhard (1990), Achegas para o estudo das biografias de autores de fontes narrativas e outros documentos da história de Moçambique, II, III. Três autores sobre Inhambane: Vida e obra de Joaquim de Santa Rita Montanha (1806-1870), Aron S. Mukhombo (ca. 1885-1940) e Elias S. Mucambe (1906-1969), *Arquivo*. Vol. n.º 8. Maputo, pp. 61-143.
- Liesegang, Gerhard (1998), *Estados, grupos étnico-políticos em Moçambique ao Sul do Save, c.1300-1850*. Versão incompleta, preliminar.
- Lima, Fernando Castro P. de (dir.) (1975), *Urbanização, Arte popular em Portugal-Ilhas adjacentes e Ultramar*, Editorial: Verbo, pp. 18-23.
- Longle, Armando (1886), De Inhambane a Lourenço Marques, *Boletim Oficial do Governo de Moçambique*, pp. 59-67.
- Matos, M. L. Correia de (1973), Origens do povo chope segundo a tradição oral, *Memórias*, Instituto de Investigação Científica, Moçambique, n.º 10, série C.
- Mukhombo, A.S. (sd), *A nkutsulani wa matimu ya VaTshua A timaka ta kalle ti khedzelwako hi...* Cleveland (Tvl): Central Mission Press (3.ª ed.).
- Neves, Diocleciano Fernandes das (1878), *Itinerário de uma viagem à caça dos elephantes*, Co-autorizado por Ilídio Rocha, com o título: Das terras do império vátua às praças da República Boer, Lisboa: Edições D. Quixote.
- Pinto, Caetano dos Santos (1917), Viagem de Inhambane às terras de Manicusse em 1840, *Arquivo das colónias*, I, n.º 6. pp. 269-274.
- Rita-Ferreira, António (1961), *Bibliografia etnológica de Moçambique (das origens até 1954)*, Lisboa: Junta de Investigação Ultramarina.
- Rita-Ferreira, António (1982), *Presença luso-asiática e mutações culturais no sul de Moçambique até c. 1900*, Lisboa: Estudos Ensaios e Documentos, n.º 139.
- Wolfe, Patrick (2006), Settler colonialism and the elimination of the native, *Journal of Genocide Research*, Vol. 8, n.º 4, pp. 387-409.
- Xavier, Caldas (1881), *O Inharrime e as guerras Zavalla*, Separata do Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, n.º 7-8, 2.ª ed., pp. 479-528.